

# O ANTI-ÉDIPO STALINISTA<sup>1</sup>

*THE STALINIST ANTI-OEDIPUS*

*EL ANTI-ÉDIPO STALINISTA*

Marcos da Cunha e Souza<sup>2</sup>

**ÁREA DO DIREITO:** filosofia do direito; direitos humanos.

## Resumo

Um dos aspectos mais básicos do pensamento de Deleuze e Guattari no anti-Édipo é a relação da esquizofrenia com o capitalismo. Estes autores sustentam que a sociedade capitalista opera a descodificação dos fluxos que as outras formações sociais codificavam e sobrecodificavam. O presente artigo defende que outras estruturas econômicas e sociais também podem fabricar “esquizes”. A título de demonstração, debruça-se sobre o Estado soviético moldado por Josef Stalin. Examina a figura paterna de Stalin e sua relação com a sociedade. Apresenta, com base em relatos da época, como a maioria das pessoas se contentava em se adaptar ao regime totalitário, como forma de evitarem punições. Em seguida, aponta os “esquizes”, como aqueles que eram incapazes de se adaptar e que, até de bom grado, aceitavam as punições e o permanente risco de prisão ou morte. Faz, também, paralelos com a literatura. Ao final, conclui-se que o “esquize”, tanto no capitalismo, quanto no totalitarismo stalinista, é alguém que teima em continuar a compreender o mundo a partir das lentes da sua própria compreensão, apesar de todos os cortes de fluxos que a sociedade tenta lhe impor.

**Palavras-chave:** anti-Édipo; stalinismo; esquizofrenia; totalitarismo.

## Abstract

One of the most basic aspects of Deleuze and Guattari's thought on anti-Oedipus is the relationship between schizophrenia and capitalism. These authors argue that capitalist society decodes the flows that other social formations coded and overcoded. This article

---

<sup>1</sup> Recebido em 05 de dezembro de 2022. Aceito para publicação em 08 de dezembro de 2022.

<sup>2</sup> Mestre e doutor em Direito pela PUC/PR. Professor do Curso de Direito da UNINTER. E-mail: marcoscsouza@ymail.com.

argues that other economic and social structures can also produce "schizos". As a demonstration, it focuses on the Soviet state shaped by Josef Stalin. The text examines Stalin's father figure and his relationship with society. It presents, based on witness reports, how most people were content to adapt to the totalitarian regime, as a way to avoid punishment. Then, the text points out the "schizos", as those who were incapable of adapting and who, even willingly, accepted punishments and the permanent risk of imprisonment or death. It also makes parallels with the literature. In the end, it is concluded that the "schizo", both in capitalism and in Stalinist totalitarianism, is someone who insists on continuing to understand the world from the lens of his own understanding, despite all the cuts in flows that society tries to impose.

**Keywords:** anti-Oedipus; Stalinism; schizophrenia; totalitarianism.

### Resumen

Uno de los aspectos más básicos del pensamiento de Deleuze y Guattari en el Antiedipo es la relación de la esquizofrenia con el capitalismo. Estos autores sostienen que la sociedad capitalista opera la descodificación de flujos que otras formaciones sociales codificaban y sobrecodificaban. El presente documento sostiene que otras estructuras económicas y sociales también pueden fabricar "esquizofrenia". A modo de demostración, examina el Estado soviético configurado por Josef Stalin. Examina la figura paterna de Stalin y su relación con la sociedad. Presenta, basándose en relatos de la época, cómo la mayoría de la gente se contentaba con adaptarse al régimen totalitario como forma de evitar el castigo. Luego señala a los "esquizos", como aquellos que fueron incapaces de adaptarse y que incluso aceptaron de buen grado los castigos y el riesgo permanente de prisión o muerte. También establece paralelismos con la literatura. Al final, concluye que el "esquizoide", tanto en el capitalismo como en el totalitarismo estalinista, es alguien que obstinadamente sigue entendiendo el mundo desde las lentes de su propio entendimiento, a pesar de todos los cortes de flujo que la sociedad trata de imponerle.

**Palabras clave:** antiedipo; estalinismo; esquizofrenia; totalitarismo

**SUMÁRIO:** 1. Introdução; 2. Livro de receitas: como fabricar um esquizo?; 3. O pai feito de aço; 4. Os normais; 5. Os esquizos viajam para longe; 6. Considerações finais; Referências bibliográficas.

**SUMMARY:** 1. Introduction; 2. Book of recipes: how to make a schizo?; 3. The father made of steel; 4. The normal ones; 5. Schizos travel far; 6. Final considerations; References.

**SUMARIO:** 1. Introducción; 2. Recetario: cómo hacer un esquizoide; 3. El padre de acero; 4. Los normales; 5. Los esquizos viajan lejos; 6. Consideraciones finales; Referencias.

“Para o júbilo o planeta está imaturo  
É preciso arrancar alegria ao futuro”<sup>3</sup>.

## **1. Introdução**

O anti-Édipo de Deleuze e Guattari abre as portas para um sem número de reflexões voltadas a aspectos que torturam a humanidade há séculos. Sobre elas, os autores chegam a conclusões surpreendentes, mas baseadas em premissas que dependem da concepção pessoal dos leitores, como há de ocorrer em muitos textos pós-estruturalistas. Isso porque eles se afastam da ciência tradicional, baseada em comprovações empíricas, rumo a uma ciência “nômade”, que “é perspicaz e que busca as peculiaridades, o entendimento e que se assemelha à errância” (RUTKOWSKI, 2021:50).

Nessa toada, os autores encontraram-se livres para rever velhas perguntas sob outros ângulos, através de novos conceitos e terminologias, por vezes abertas a diferentes interpretações (RUTKOWSKI, 2021:50). Um dos seus pontos centrais está na crítica que faz ao excesso de relevância que a psicanálise freudiana empresta ao complexo de Édipo, resultando nas teorias triangulares focadas no núcleo familiar. Apontam tal ênfase de Freud com certa frustração, como se o pai da psicanálise tivesse chegado às portas do grande mistério, mas tivesse deliberadamente recuado. “Como se Freud se desculpassem pela sua profunda descoberta da sexualidade, dizendo-nos: pelo menos isto não sairá da família!” (DELEUZE E GUATTARI, 2010: 358). Por timidez ou covardia, Freud teria optado pelo “assentamento familista, em vez da deriva do desejo. Os pequenos riachos recodificados no leito de mamãe, em vez dos grandes fluxos descodificados” (DELEUZE E GUATTARI, 2010: 358).

Os autores do anti-Édipo não negam exatamente a posição de um Édipo, mas antes advogam uma psicologia materialista, voltada a um processo mundial, histórico e social, não-familista. A “comunicação dos inconscientes

---

<sup>3</sup> Homenagem ao poeta Serguei Iessienin, que se suicidou em 1925, prestada pelo poeta Vladimir Maiakovski, que se suicidaria em 1930. Tradução de Augusto de Campos.

não tem absolutamente a família como princípio, mas, isto sim, a comunidade do campo social enquanto objeto do investimento de desejo" (DELEUZE E GUATTARI, 2010:365).

Questionando a psicanálise freudiana, propõe algo que denominaram de esquizoanálise, como uma prática clínica que foca na relação das pessoas e de grupos sociais com as instituições, o mundo e os vícios do sistema capitalista.

Um dos aspectos mais básicos da ideia deleuzoguattariana é a relação da esquizofrenia com o capitalismo e que, segundo se sustenta, ultrapassaria “em muito os problemas de modo de vida, de meio ambiente, de ideologia etc.” (DELEUZE E GUATTARI, 2010:325). Segundo os citados autores: “Nossa sociedade produz esquizos como produz xampu Dop ou carros Renault, com a única diferença de que eles não são vendáveis” (DELEUZE E GUATTARI, 2010:325).

Segundo os referidos filósofos: “o capitalismo, como vimos, é efetivamente o limite de toda sociedade, uma vez que opera a descodificação dos fluxos que as outras formações sociais codificavam e sobrecodificavam” (DELEUZE E GUATTARI, 2010:326).

O foco dos autores sobre o capitalismo é mais que compreensível dentro do contexto intelectual da época (1972). Sem alongar sobre esse ponto, cite-se apenas as manifestações de 1968 na França, a Guerra do Vietnã e uma série de obras de teor filosófico e político – anticapitalistas - que revolucionavam e encantavam diferentes centros do pensamento ocidental.

A pergunta que se faz é se este aspecto de “O anti-Édipo” se aplica apenas à sociedade capitalista ou se também pode ser aplicada a outras sociedades alienantes e opressoras, como seria o caso de um regime totalitário de viés marxista.

Como recorte da pesquisa buscou-se um modelo histórico que fosse duradouro, capaz de abarcar toda uma geração de pessoas, do berço à idade adulta. A sociedade em questão precisaria, durante este recorte histórico, ser governada por um homem que, graças ao culto à personalidade, encarnasse explicitamente uma figura paterna para os cidadãos comuns. Este homem deveria simbolizar, durante um longo tempo, os valores e os dogmas desta

sociedade. Ele deveria ser a própria lei, a porta de entrada e a barreira para qualquer grande sonho.

Algumas possibilidades logo surgiram. Para a figura paterna pode-se pensar em Mao Tsé-Tung (China), Kim Il-sung (fundador da Coreia do Norte), Enver Hoxha (Albânia) e Josef Stalin (URSS). Todos eles conduziram estados totalitários e adaptaram o marxismo às suas próprias necessidades, gerando doutrinas pessoais, como o maoísmo, o stalinismo e a Ideologia Juche. Stalin imprimiu certas visões pessoais do comunismo que, inclusive, viriam a ser criticadas por muitos marxistas, como Wilhelm Reich e, naturalmente, Leon Trotski.

A escolha acabou caindo sobre Josef Stalin por um motivo muito simples: é sobre o seu governo que possuímos o maior número de fontes, especialmente de relatos produzidos por pessoas comuns que viveram sob o seu reinado.

A metodologia empregada foi a hipotético-dedutiva.

## **2. Livro de receitas: como fabricar um esquizo?**

Deleuze e Guattari usam frequentemente o termo “esquizo” para se referir àqueles que, em nossa sociedade, são chamados de esquizofrênicos. Mas o esquizofrênico de Deleuze e Guattari não é o mesmo esquizofrênico que se encontra em um dicionário, embora ambos possam ser usados para apontar uma mesma pessoa.

O esquizo deleuziano é alguém que resiste à sociedade vigente e à socialização. Ele foi desterritorializado e se recusa a ser reterritorializado. Os códigos sociais são ineficazes para ele. Sua alma ultrapassa os muros que lhe são impostos, como se não existissem. Embora desprezado pelo restante da sociedade ele é, na visão dos autores de “O anti-Édipo”, aquele que consegue manter sua essência em algo um tanto abstrato que se convencionou chamar de “corpo sem órgãos”. Alguém capaz de projetar seu desejo perante o restante das pessoas com vistas a alcançar o seu mais autêntico “eu”.

De acordo com os autores (DELEUZE E GUATTARI, 2010:366):

As pessoas de bem dizem que não se deve fugir, que isso não é bom, que é ineficaz, e que é preciso trabalhar por reformas. Mas o revolucionário sabe que a fuga é revolucionária, *withdrawal, freaks*,

com a condição de levar consigo a toalha, ou de fazer fugir um pedaço do sistema. É preciso passar o muro, mesmo fazendo-se negro à maneira de John Brown.

O esquizo é o produto final da sociedade capitalista e, portanto, o limite desta. De certa maneira, portanto, dependendo da forma de se ver, o esquizo deleuzoguattariano talvez seja menos “louco” do que o restante da sociedade. Isso porque, ainda que disfuncional em alguns casos, ele teria conseguido manter a sua natureza, sem máscaras.

Porém, atribuir a fabricação de esquizes exclusivamente ao sistema capitalista seria uma contradição com o próprio pensamento deleuzoguattariano, para quem nada seria permanente ou ordenado. Nem o pensamento, nem a sociedade são estruturas que se reproduzem e se ramificam a partir de um tronco único. Um pesquisador que bebe da fonte deleuzoguattariana deve pensar duas vezes antes de reduzir o mundo a uma teoria inflexível.

Deste modo, a esquizofrenia, como fruto de um contexto social, não há de nascer de um único modelo econômico ou social. Os esquizes podem nascer de qualquer ambiente econômico, político ou social que iniba ou corte nossos fluxos desejantes e o desenvolvimento de corpos sem órgãos.

### **3. O pai feito de aço**

O movimento político conhecido como Revolução de Outubro abriu as portas para a tomada do poder pelos comunistas na Rússia em 1917. Tecnicamente o termo “revolução” é muito apropriado, por ter sido um movimento político e social disruptivo, em vários sentidos. Lenin buscava e publicamente oferecia uma sociedade totalmente nova onde, no seu ápice, chegar-se-ia ao fim do Estado.

Desde o século XIX que um punhado de habilidosos pensadores vinha escrevendo sobre a tomada do poder pelos trabalhadores. Mas, naturalmente, nem todos pensavam da mesma forma sobre o que viria depois. A mera revolução não o tinha o poder de criar uma sociedade sem classes. Por fim, não havia um livro de receitas, dado que nada daquilo jamais fora colocado em prática antes. A tarefa era monstruosa, máxime quando o

laboratório para tal experiência seria um país bastante populoso e extenso: a nascente União Soviética.

Lenin, mesmo tendo as rédeas do poder, não podia tudo e sofria resistências. Algumas medidas socializantes tiveram resultados funestos, o que o obrigou a dar um passo atrás com a “Nova Política Econômica”, que restabelecia alguns mecanismos capitalistas de produção. Sua morte prematura, aos 53 anos de idade (1924), jogou a nascente república em uma grande crise.

A autobiografia de Victor Serge, “memórias de um revolucionário” (SERGE, 1987), é um relato íntimo do período turbulento que se seguiu à morte de Lenin. O referido autor, que acabaria cumprindo três anos de prisão por sua oposição a Stalin, relata em detalhes o clima de permanente insegurança vivido pelos membros do governo soviético, ante a permanente e instável gangorra da violenta política interna do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Sente-se em Serge toda a atmosfera sombria de vidas permanentemente sob o fio de uma espada invisível onde alguém, ainda que poderoso hoje, poderia ser alvo de prisão no dia seguinte. Mesmo todos sendo marxistas, sempre se podia arrancar, de uma frase ou de uma ação qualquer, um indício de “atividades anti-soviéticas”. E a pessoa não apenas desapareceria fisicamente, como também sua imagem acabaria sendo apagada nas reedições de fotografias intimamente ligadas à história do regime.

Por vezes era difícil saber o que realmente estava acontecendo e, dessa luta pelo poder, um personagem menor conseguiu se destacar. Josef Stalin, embora fizesse parte da cúpula, fora colocado em um cargo aparentemente sem projeção. Desde 1922 era o secretário-geral do Partido Comunista. Essa função, inicialmente modesta (se comparada a outras) permitia-lhe organizar as pautas das reuniões e os nomes dos participantes, o que mostrou ser uma poderosa arma. Permitia-lhe, também, preencher os cargos das secretarias regionais com os seus seguidores (FITZPATRICK, 2000:24). E assim, de forma planejada e constante, entre 1924 e 1928, ele foi afastando aqueles que pareciam estar no comando: Zinoviev, Kamenev e Trotski. Os dois primeiros foram fuzilados em 1936 e Trotski terminou assassinado no México em 1940.

O socialismo na URSS, sob Stalin, acabou por se degenerar. Em lugar do fim do Estado, este se torna cada vez mais poderoso e mais presente na vida das pessoas comuns. Em lugar da flexibilidade das assembleias populares, a vida ordinária fica cada vez mais marcada por uma burocracia ineficiente e caótica, onde dirigentes locais tem razoável poder em um sistema político consideravelmente fragmentado (GETTY, 1987).

Já em 1935, fica patente o culto da personalidade e uma tendência ao nacionalismo. A Internacional dos Trabalhadores, como mostra Reich, transformou-se em “um socialismo nacional chauvinista”, desvirtuando “os antigos movimentos revolucionários que sempre foram internacionais” (REICH, 1988:179).

Mas, naquilo que interessa ao presente trabalho, há que se dar ênfase ao culto à personalidade, que veio a transformar Stalin em uma figura paterna, onipresente e provida de virtudes insuperáveis (FITZPATRICK, 2000:24). Sim, há algo de edipiano na sociedade estalinista, assim como em outros países socialistas de viés totalitário. A iconografia do período é eloquente, onde Stalin centenas de vezes é retratado (tanto em fotografias, como em desenhos), carregando um bebê, ou cercado por jovens que o idolatram, ou acenando para o povo, ou trabalhando, ou olhando com afeto para uma tímida camponesa.

Mas, dentro deste recorte edipiano, quem seria a “mãe”? Em uma sociedade totalitária e planificada, onde se determina quantos pares de sapato serão fabricados a cada ano, quais livros serão impressos ou quais serão proibidos e onde a imprensa e a escola enaltecem acriticamente o *status quo*, o Estado tende a substituir a figura materna. Se você está doente, se você está velho, se você não tem moradia, o Estado tudo proverá. E se ele não o provê, é porque os inimigos do Estado sabotam a produção e se aliam às potências estrangeiras que desejam destruir o socialismo e a Revolução. O Estado é a mãe perfeita e os erros são dos outros.

O Estado é também a figura materna para quem o filho – o cidadão – deseja retornar. É aquela onde se espera encontrar o amor incondicional, o seio sempre farto e generoso de leite.

Diferentes fontes retratam a obsessão de Stalin para se manter no poder a qualquer custo, assim como para preservar sua figura paterna acima de

qualquer crítica ou questionamento. Como Laio, era como se reagisse a qualquer questionamento – real ou paranoico – com a pergunta furiosa do pai ao filho: “é isso que você quer, matar-me para fazer sexo com sua mãe?” (DELEUZE E GUATTARI, 2010:361). Apenas ele podia ter acesso ao Estado e à vontade deste. Apenas ele devia ter uma relação direta e íntima com a mãe Rússia. Apenas ele poderia ser o intermediário para se obter qualquer perdão do Estado.

#### **4. Os normais**

No início dos anos 1930, em um ponto remoto da União Soviética, havia um menino de apenas 13 anos de idade chamado Pável Morozov. Segundo a mítica da propaganda oficial da URSS, em um período em que a fome torturava o povo, ele denunciou seu pai por este estar escondendo trigo na propriedade familiar. Ao fazer isso, na visão do jovem, o pai estava traindo o Estado soviético e o Partido. Pável acabou sendo morto por seus familiares, o que o transformou em herói da União Soviética e da juventude. Logo se criou uma versão de que ele fora um dos primeiros “pioneiros<sup>4</sup>” matriculados em sua região e assim, não por acaso, virou também símbolo dessa instituição. Várias estátuas foram construídas em honra ao menino, que soube colocar os laços com o Estado acima dos laços com seu pai e sua família.

Pável pode ser apontado como um retrato da nova mentalidade que o Partido pretendia imprimir à nascente sociedade socialista. Na nova literatura, o herói não é mais aquele que morre para salvar os pais, ou a esposa, ou os filhos. O herói a ser ressaltado, em meio a uma verdadeira revolução socialista, é aquele que dá sua vida pelo partido.

Para viver dentro desta nova ética disruptiva, uma sociedade precisa de certo tempo de adaptação, de evolução, até chegar ao verdadeiro homem soviético. Tanto Engels quando Lenin descreviam esse período de transição, conhecido como a “ditadura do proletariado”, como sendo necessário para o processo que levaria à extinção do Estado e à criação de uma sociedade comunista. Mas Stalin tinha sua própria agenda. Durante o seu regime o

---

<sup>4</sup> Os pioneiros eram os equivalentes aos escoteiros nos países socialistas.

Estado, em lugar de desaparecer, agigantou-se e criou uma poderosa máquina repressiva que não tolerava qualquer desvio ideológico no seio da população.

Milhões certamente se adaptaram aos novos dogmas com razoável facilidade. Até porque era um povo que jamais conhecera um regime democrático. Um caso interessante é o do idoso que, na década de 1990, sentiu-se desconfortável com o advento de um regime um pouco mais democrático, onde logo surgiram diferentes veículos de imprensa.

Comprei três jornais, e em cada um tinha uma verdade. Onde é que está a verdade real? Antes você lia o jornal Pravda<sup>5</sup> de manhã e ficava sabendo tudo. Entendia tudo. (ALEKSIÉVITCH, 2016:18)

Muitas outras pessoas, entretanto, tiveram que desenvolver mecanismos psíquicos para acelerar a adaptação ao novo normal.

Czeslaw Milosz, que viveu na Polônia ocupada pelas tropas soviéticas, logo após a Segunda Guerra Mundial, relatou (FIGES, 2021:496):

Após um longo conhecimento de seu papel, a pessoa se adapta a ele tão bem que não consegue mais diferenciar seu verdadeiro eu do eu que representa, de modo que até os indivíduos mais íntimos conversam entre si usando os lemas do Partido. Identificar o eu com o papel que se é obrigado a simular traz alívio e permite um afrouxamento da vigilância. Reflexos adequados nos momentos apropriados se tornam verdadeiramente automáticos.

A máscara também precisava ser colocada quando um parente próximo – o pai, a mãe, o marido – era preso por comportamento antirrevolucionário. E tal situação atingiu milhões de pessoas. Apenas durante os expurgos que Stalin promoveu entre 1936 e 1939 (o “Grande Terror”), calcula-se que 750 mil pessoas foram mortas e cerca de um milhão sofreu o duro destino da deportação para lugares remotos da União Soviética, os Goulags (HARRIS, 2016; CONQUEST, 2018).

Dentro deste quadro, as pessoas adotavam reações que facilitavam as suas chances de sobrevivência (FIGES, 2021:363):

Esposas abjuravam maridos presos, não necessariamente por acreditarem que pudessem ser ‘inimigos do povo’ (...), mas sim porque tal ato tornava a sobrevivência mais fácil e dava proteção às suas famílias.

---

<sup>5</sup> Pravda, o nome do mais influente jornal da antiga URSS, significa “verdade” em russo.

As crianças, criadas sob a sombra do sacrifício de Pavel Morozov, eram educadas a sempre acreditar em Stalin e em tudo o que liam na imprensa soviética, mesmo que a imprensa afirmasse que seus pais eram inimigos do povo (FIGES, 2021:357).

Uma senhora que fora criança durante o período stalinista conta que: “Nós jurávamos um ao outro dizendo: ‘palavra de pioneiro’ ou ‘juro por Lênin’. O maior juramento era ‘juro por Stalin’. Meus pais sabiam que, se eu dissesse ‘juro por Stalin’, eu não estava mentindo” (ALEKSIÉVITCH, 2016:63).

Em outro nível, havia aqueles que torturavam e matavam em nome do Partido e que, por vezes, tinham problemas de consciência com isso. Lev Kopelev, que participou da repressão aos kulaks<sup>6</sup> entre 1932 e 1933, relatou essa ambiguidade entre seu autojulgamento moral e o medo de que um humanitarismo burguês o levasse a “ter dúvidas ou pensamentos heréticos e perder nossa fé sem limites” (FIGES, 2021:237).

Em muitos casos, denunciar um vizinho ou um parente era algo que muitos viam como um dever incontornável. Foi o caso da jovem que, em 1953, sentiu ser sua obrigação, como pioneira, denunciar seu vizinho à NKVD<sup>7</sup>, por este ter comemorado a morte de Stalin. Neste momento ela afirma ter se lembrado da atitude exemplar de Pável Morozov que denunciou seu pai kulak. E aparentemente só não fez a denúncia por piedade, dado que o “traidor” havia perdido as duas pernas durante a Segunda Guerra Mundial combatendo o nazismo (ALEKSIÉVITCH, 2016:133).

Denunciava-se um parente, ou vizinho, ou amigo, não apenas por dever moral, mas também porque o Estado passava a impressão de ser onisciente. Não denunciar alguém poderia ser muito perigoso. Yeonmi Park, jovem que fugiu da Coreia do Norte, dizia ter certeza de que o “supremo líder” Kim Jong-um era capaz de ler a sua mente (PARK, 2016). Para se viver bem com estes pais oniscientes, como era o caso de Stalin ou Kim, a delação acabou se inserindo nos costumes destas sociedades. Fenômeno semelhante acabaria

---

<sup>6</sup> Uma tradicional classe de proprietários rurais russos do antigo regime.

<sup>7</sup> Comissariado do Povo para Assuntos Internos, órgão do Ministério do Interior da URSS. Era uma espécie de polícia política e também administrava o sistema de campos de trabalho penais, os Goulags.

ocorrendo em outros países socialistas, como Romênia e República Democrática Alemã.

Para julgar Stalin, teríamos que julgar nossos parentes, nossos conhecidos. As pessoas mais próximas. (...) Agora, os carrascos... Eram comuns, não eram assustadores... Quem denunciou o meu pai foi o nosso vizinho... tio lura... Por uma bobagem, como dizia a minha mãe. Eu tinha sete anos. O tio lura levava os filhinhos para pescar, me levava também, para andar a cavalo. Consertava a nossa cerca. Entendeu? (...) Na época do létsin, me deram o arquivo do inquérito, e lá tinha mais de uma denúncia, uma delas escrita pela tia Ólia, sobrinha dele... (...) Foi difícil, mas mesmo assim eu fiz a pergunta que me atormentava: 'Tia Ólia, por que você fez isso?'. 'Onde é que você viu uma pessoa honrada na época de Stalin?' (Silêncio) (ALEKSIÉVITCH, 2016:47).

Mesmo aqueles que eram punidos pelo Estado eram eficazmente condicionados a continuar amando Stalin. Os exemplos são inúmeros, como o do homem que foi considerado traidor apenas por ter sido capturado pelo inimigo durante a Guerra Russo-Finlandesa (1939-1940). Assim como milhares de outros jovens russos capturados pelos finlandeses e depois devolvidos à URSS, foi condenado a seis anos de trabalhos forçados na Sibéria, como indivíduo indigno de confiança. Quando voltou, manteve um retrato de Stalin na parede e, muitos anos depois dizia à sua filha, sem mágoas, que aquela época tinha sido como devia ser, que Stalin tinha ajudado a construir um país forte (ALEKSIÉVITCH, 2016b:62-63).

A relação com Stalin adentrava também no “desejo” lacaniano de ordem sexual e inconsciente. Na literatura isso aparece bem no romance “Propaganda Monumental” em que a personagem Aglaia Stiepánovna Riévkina morre em meio a um orgasmo “incomparável” ao se entregar sexualmente a uma estátua de Stalin que desaba sobre ela durante uma série de explosões (VOINOVITCH, 2007).

Os filhos, quando crescem, por vezes enfrentam o pai que construíra o muro que lhe negava acesso ao desejo. No caso de uma figura paterna como Stalin, esse enfrentamento era psicologicamente libertador, mas não podia ser muito explícito. As fontes primárias citam jovens que ascenderam prematuramente à vida adulta por causa da guerra. Muitos destes, ao se encontrarem nas universidades, criavam grupos onde “opor-se ao culto de Stalin era marca de pertencimento” (FIGES, 2021:529). Valentina Aleksandrova, que entrou em um destes grupos no final da década de 1940

lembra: “Depois de alguns drinques, um de nós podia se tornar audacioso e propor com sarcasmo um brinde: ‘Ao camarada Stalin!’ E todos nós ríamos” (FIGES, 2021:529).

Mas estes que colocam a máscara protetora, ou a menina que pensa ter a mente acessível ao líder supremo, ou mesmo o menino Pável Morozov não são os esquizos de Deleuze. O ex-prisioneiro do Goulag, que volta do martírio amando Stalin, tampouco se encaixa nesta classificação. O mesmo se diga do idoso que sente falta de um único jornal que lhe traga toda a “verdade”. Eles aceitam, ou até se sentem satisfeitos, pela interrupção de seus fluxos desejanter. Para uns faz parte de seu projeto de vida. Precisam que a sociedade reconheça neles esta virtude. Outros amam serem capazes de reconhecer esses limites impostos pelo regime, dado que facilitam suas vidas e as tornam mais seguras e previsíveis.

Os universitários rebeldes também não são os esquizos. No fundo eles conseguem visualizar os muros que delimitam o seu comportamento e não os atravessam. Eles brincam com os limites, riem da repressão, mas não buscam seriamente modificar a realidade. Não são “esquizos” porque, de alguma forma, se adaptaram àquela sociedade e, eventualmente, podem até vir a amar o marido da mãe Rússia.

## **5. Os esquizos viajam para longe**

Se um jovem universitário que zombava privadamente de Stalin não era o arquétipo do esquizo, então quem poderia ser?

Um esquizo típico e trágico foi Mikhail Bulgákov (1891-1940), o autor do romance “O mestre e Margarida”, que retrata uma visita do diabo a Moscou em 1929. Desde 1929, Mikhail já era considerado um pária pelas autoridades soviéticas e seus escritos raramente eram publicados. Felizmente Stalin gostava de um texto dele (a peça Os Turbins) e isso permitiu que voltasse a trabalhar. Contudo ele não conseguia viver com naturalidade na sociedade soviética e teimava em escrever textos em desacordo com os dogmas, mesmo sabendo que seriam censurados.

A história por trás da redação de “O mestre e Margarida” mostra de forma clara sua personalidade esquizo – nos moldes descritos por Deleuze. Pois era um livro monumental sendo escrito apesar da absoluta certeza de que

jamais o veria publicado. Ele queimou a primeira versão em 1930. Cerca de quatro versões foram escritas, sendo que ele continuou a obra mesmo depois de atingido pela cegueira, ditando-a para a esposa. Quando ele morreu, a obra ainda não estava terminada. Havia anotações soltas, rascunhos, rabiscos antigos. Foi sua esposa Elena Sergueïevna – outra esquizo - quem terminou a montagem. O livro somente foi publicado na Rússia em 1966, vários anos após a morte de Stalin e com 12% do seu texto censurado. Ele somente viria a ser publicado na íntegra em 1973. Atualmente encontra-se traduzido para diversos idiomas. Curiosamente, a esquizofrenia é um dos temas do livro e dois dos principais personagens se conhecem no hospício.

Vê-se que o casal não seguia uma linha de pensamento hierarquizada pelo Estado. Em princípio, deveriam ser conscientes da própria fragilidade e impotência diante de um pai de aço munido dos tentáculos onipresentes da NKVD. Ainda assim, conseguiram, pela escrita, escapar à repressão, tornando impossível que fossem transformados em cópias<sup>8</sup>. Embora os parentes e amigos os vissem como seres anulados pelo Estado, desterritorializados, isso não os afetava a ponto de alterarem seus comportamentos. Ignorando os riscos, eles ignoravam também o muro que deveria contê-los. Eles o atravessavam.

Alguns esquizos serviram bem ao Partido, realizaram ações memoráveis, eram marxistas autênticos, mas se viam perseguidos por realizarem debates doutrinários livres das amarras dogmáticas de Stalin. Os casos retratados são inúmeros. Cite-se, por exemplo, Elizaveta Drabkina, presa como “trotskista” em 1936 e condenada a 15 anos de trabalhos forçados. Dada a sua dedicação ao esforço de guerra, a partir de 1941, teve o direito a residir em um setor menos rigoroso no campo de trabalhos de Norilsk, onde atuava como tradutora de manuais e livros. Lá criou um grupo de estudos marxistas, que foi reprimido, levando-se à prisão (dentro da prisão) de um de seus membros. A esquizo e os outros esquizos, entretanto, não foram capazes de cessar com seus encontros. Passaram o grupo de estudos para a clandestinidade e continuaram se reunindo na estrada que levava ao cemitério do campo de trabalhos forçados (FIGES, 2021:494-495).

---

<sup>8</sup> Aqui faz-se uma analogia a partir de RUTKOWSKI, 2021, p. 52.

Embora a China maoísta esteja fora do recorte proposto, é interessante referir um exemplo de esquizos que se extrai da literatura. No romance “A Serviço do Povo”, de Yan Lianke (LIANKE, 2008), um casal de amantes somente alcança o auge do prazer sexual quando destrói ícones ligados a Mao Tsé-tung e aos seus princípios. Antes de alcançarem este momento extremo, tentam medir quem tem mais amor pelo outro através de uma estranha régua: aquele que é capaz de sentir o maior amor é aquele que tem o potencial para ser o “maior contra-revolucionário do mundo” e o maior espião infiltrado no seio do Partido (LIANKE, 2008:107-114). Em outras palavras, eles fazem uma disputa romântica onde o amor tem por medida o grau de esquizofrenia, de desapego ao *status quo*.

Contudo, o maior exemplo da literatura talvez seja o protagonista do romance “1984”, de George Orwell. Winston insistia em tentar manter um mínimo de controle sobre as coisas que se passavam em sua mente. Embora seu trabalho fosse apagar os fatos (muitos deles, por si só, possivelmente falsos desde o início), teimava em guardar recordações que eram contrárias à versão oficial do Partido. Atreve-se até a manter uma espécie de diário, onde anota constatações que, em sua essência, desmentem a verdade oficial. É bem verdade que, ao final, sob torturas físicas e psicológicas, não apenas se rende, mas também passa a amar o Grande Irmão.

Mas os esquizos não eram apenas intelectuais. Eram, em sua maioria, pessoas comuns. Era o cristão ortodoxo que continuava a ir à missa, mesmo com o Estado tendo demonstrado que Deus não existe. Era simplesmente a pessoa que se recusava a comer carne de porco e, por isso, sofria a suspeita de ser judeu. Era o homem que ficava em silêncio quando ouvia alguém criticando o Partido, quando a reação correta seria a delação ou a crítica contundente<sup>9</sup>. Era a mulher que, vendo uma oportunidade de ganhar um dinheirinho extra, contrabandeava produtos entre duas cidades.

---

<sup>9</sup> Meu amigo Teodor Konopka, polonês nascido em 1938, conta a história de seu professor, que ficou alguns meses preso. Sua infração deu-se no trem, indo para o trabalho. Um homem, que depois se soube ser apenas um agente provocador a mando do Partido, entrou na condução e lançou gritos contra a instalação do comunismo na Polônia. Vários passageiros, obedecendo ao reflexo que salva - parecido com a máscara que se deve usar na conversa com os amigos - levantaram-se e protestaram contra o manifestante, demonstrando reprovação. Mas o professor ficou quieto, sentado e lendo. Seu silêncio foi considerado um ato antirrevolucionário.

Isaac Babel, na sua obra monumental “A Cavalaria Vermelha”, conta o destino da jovem contrabandista de sal, que levava sua mercadoria enrolada nos braços, fingindo ser um bebê adormecido. O soldado Nikita Balmashov, ao descobrir o golpe, enfureceu-se (BABEL, 1989:90):

E eu, vendo aquela mulher ilesa, seguindo seu caminho, e a Rússia em seu redor, os campos sem espigas, as moças violadas, os muitos camaradas que iam para o front e os poucos que voltavam (...) tirei meu fiel rifle, preso à parede do vagão, e apaguei aquela vergonha da face da terra dos trabalhadores.

E o apoio ao comportamento do soldado Nikita, autor do disparo que tirou a vida da contrabandista de sal, não seria pequeno naquela sociedade e nem entre aqueles que, no mundo todo, sonham com a ditadura do proletariado. O apoio ou a repulsa a essa execução sumária corresponde a uma fratura entre diferentes formas de ver o mundo. Furtar carne no capitalismo não deveria ser crime. Contrabandear três quilos de sal, em uma sociedade socialista em construção, há de ser punido com a morte.

Essa fratura se reproduz em inúmeros outros acontecimentos. Alguns banais, outros nem tanto. Fato é que, ao se renderem aos seus desejos, inúmeros soviéticos sofreram restrições políticas, dentre os quais milhões foram presos, ou deportados, ou executados, ou internados em campos de trabalhos forçados conhecidos como “gulags” (HARRIS, 2016; CONQUEST, 2018). Em outras palavras, os esquizos soviéticos viajavam para longe, sendo a inóspita Sibéria o destino mais frequente.

## **6. Considerações finais**

Acredita-se que o presente artigo, ao pretender aplicar a teoria de Deleuze e Guattari à sociedade stalinista, traz a tona uma visão rizomática. A fabricação dos esquizos não nasce de um tronco social e econômico inflexível, mas sim de um rizoma que conecta diferentes sociedades disfuncionais, férteis em cortar fluxos e a reprimir desejos.

A obra deleuze-guattariana foca no capitalismo como estrutura econômica, social e política descodificadora e produtora de esquizofrênicos. Tal argumento, contudo, não impede a existência de outros modelos econômicos, sociais e políticos hábeis a alcançar o mesmo resultado. Não apenas isso. Analogias são possíveis quanto ao processo de produção, em

que pese todas as diferenças que se apresentem aos dois sistemas (capitalismo e marxismo stalinista). E, nos dois casos, o produto, o esquizo “não vendável” é, em certa medida, um sobrevivente. É alguém que teima em continuar a compreender o mundo a partir das lentes da sua própria compreensão, apesar de todos os cortes de fluxos que a sociedade tenta impor.

Na visão dos citados autores, os esquizos destoam do padrão moldado pela sociedade opressora. Por vezes os reconhecemos em um simples piscar de olhos, tão diferentes que são daquilo que se espera do comportamento “comum”. Mas eles seriam, dentro desta linha de raciocínio, os verdadeiramente livres e os únicos dotados de uma essência autenticamente humana.

No caso da sociedade totalitária moldada por Stalin, ela produziu esquizos admiráveis. Afinal, se é verdade que a enorme maioria desapareceu nos Gulags sem deixar rastros, um número considerável nos legou verdadeiras obras de arte, como os versos de Maiakovski que introduzem este trabalho.

### **Referências bibliográficas**

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. O fim do homem soviético. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- BABEL, Isaac. A Cavalaria Vermelha. Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- CONQUEST, Robert. The Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties. New York: Random House, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FIGES, Orlando. Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- FITZPATRICK, Sheila. Everyday Stalinism: Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s. New York: Oxford University Press, 2000.

- GETTY, John Archibald. *Origins of the Great Purges: The Soviet Communist Party Reconsidered, 1933-1938*. New York : Cambridge University Press, 1987.
- HARRIS, James. *The great fear: Stalin's terror of the 1930s*. New York: Oxford University Press, 2016.
- PARK, Yeonmi. *Para poder viver*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PESTANA, Heitor. *O Anti-Édipo devorado: tensões entre a crítica esquizoanalítica e a psicanálise lacaniana*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.47.2018.tde-30102018-162132. Acesso em: 2022-08-20.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RUTKOWSKI, Piotr. *Decoding and deterritorialization. Capitalism and state in the thought of Gilles Deleuze and Félix Guattari*. *Studia Politologiczne* Vol.60, p. 49-67. Ano 2021.
- SERGE, Victor. *Memórias de um revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VOINOVITCH, Vladimir. *Propaganda Monumental*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.